



# Negociações para um novo governo em França começam com reunião com as esquerdas

André Certã

**Emmanuel Macron recebe hoje no Eliseu a Nova Frente Popular, bloco venceu as legislativas, e Os Republicanos**

O Presidente francês, Emmanuel Macron, vai iniciar hoje as negociações com os principais blocos políticos para tentar definir qual será o novo Governo francês numa Assembleia Nacional profundamente tripartida, dividida entre a coligação das esquerdas da Nova Frente Popular (NFP), os partidos de centro da coligação macronista e a União Nacional, partido de Marine Le Pen.

O bloco político da esquerda foi o único que apresentou uma candidata directa à liderança do Governo. Lucie Castets, economista e funcionária pública na Câmara Municipal de Paris com experiência em activismo pela melhoria dos serviços públicos.

Porém, a esquerda não reúne maioria. Na Assembleia Nacional, os grupos parlamentares que compõem a Nova Frente Popular obtiveram 180 deputados nas eleições, longe dos 289 necessários para garantir uma maioria.

É com o bloco que obteve mais lugares nas últimas eleições que Macron se irá reunir já hoje, juntando assim os grupos parlamentares do PS, França Insucessa, Partido Comunista Francês e Ecologistas. No mesmo dia, Macron receberá o grupo da Direita Republicana, com membros d'Os Republicanos, de centro-direita, liderados por Laurence Wauquiez.

Já na segunda-feira, reunir-se-á com a União Nacional, partido de extrema-direita de Marine Le Pen, que ficou em terceiro nas legislativas.

## “Risco político”

Para Catherine Moury, professora na Universidade Nova de Lisboa, o mais provável é Macron tentar formar um governo ao centro, apoiado pela ala direita do PS e deixando de fora os partidos mais à esquerda, tal como conseguiu na eleição da presidente da Assembleia Nacional, Yaël Braun-Pivet.

Porém, a professora “tem dúvidas” de que Macron consiga e diz que um executivo deste género será um governo fraco e susceptível a uma moção de censura, com a figura mais pró-união de esquerda do PS, neste caso o secretário-geral, Olivier Faure, a ser visto como uma figura “não muito forte” dentro do



Macron tem sido criticado pela demora em formar governo

partido. “É um bocadinho marginalizado no partido”, explica ao PÚBLICO Catherine Moury, que aponta Raphael Glucksmann, líder do partido associado Placé Publique, e Anne Hidalgo, presidente da Câmara de Paris, como figuras mais fortes devido à hesitação de se unirem à esquerda, especialmente com a França Insucessa.

Porém, para a especialista, um factor que complica a situação é que “todos sabem que ir neste governo é um risco político” e que “é melhor ficar na oposição” para minimizar o possível impacto para as presidenciais, que serão em 2027.

Já João Carvalho, investigador no Iscte-IUL, afirma que, apesar de “ser difícil dizer o resultado do processo de negociações”, acaba por haver duas hipóteses, a nomeação de Lucie Castets como primeira-ministra ou a possibilidade de escolher alguém do PS que possa convencer ao centro e dividir os socialistas, algo que, avisa, pode ser considerado uma “traição ao partido”, para além de ser um entendimento difícil com Os Republicanos, mais à direita.

“Se for essa a opção, não vai apaziguar a política francesa”, diz o inves-

**A segunda volta das eleições legislativas de França ocorreu a 7 de Julho e ainda não se vislumbra como será o novo governo**

tigador, porque seria estar a “ignorar o resultado das legislativas”, especialmente num sufrágio que foi o mais participado desde 1997, diz.

O investigador sublinha ainda o passado das negociações em França, que não tem historial de coligações fora dos campos políticos, afirmando que, se isso não acontecer agora, o sistema fica “ingovernável”.

Assim, para João Carvalho, Macron deve, “mais cedo ou mais tarde, enfrentar a realidade e as consequências da decisão que tomou” ao dissolver a Assembleia Nacional depois das eleições europeias.

## Frustração à esquerda

A frustração com as negociações para resolver a situação política em França tem vindo a aumentar, especialmente à esquerda, dado o facto de Macron as ter adiado para depois dos Jogos Olímpicos de Paris, deixando o governo demissionário de Gabriel Attal em gestão há mais de um mês.

Segundo João Carvalho, é “inédito” um Presidente francês demorar tanto tempo a nomear um primeiro-ministro.

“Nunca se assistiu a um período tão longo” de espera, refere o investigador, que aponta que esta “é uma maneira de Macron tentar manter o seu poder de influência depois de ter sido derrotado nas eleições”, procurando evitar uma “coabitação”.

“Há uma erosão do poder de Emmanuel Macron e este adiamento foi só adiar a erosão”, acrescenta.

Numa carta direccionada aos franceses, Lucie Castets e os principais líderes dos partidos da Nova Frente Popular criticam a “inacção” de Macron e consideram que é “altamente prejudicial” para o país que haja esta demora na decisão.